

Stanley Fischer, a figura central nas negociações

Contatos diretos com Pedro Malan facilitaram o trabalho do vice-diretor-gerente do Fundo Monetário

José Meirelles Passos

Correspondente

● WASHINGTON. Quem mais aparece é Michel Camdessus, o diretor-gerente — na verdade o comandante-em-chefe do exército burocrático chamado Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele é o alvo das críticas freqüentes às prescrições que o Fundo receita aos países. É ele, também, quem surge no momento dos elogios, cada vez mais raros. Mas, na prática, o personagem central das duras negociações com os governos é outro: Stanley Fischer.

Ele é o vice-diretor-gerente. Ou o “número dois”, como dizem no próprio FMI. Sua função tem sido comparada à de um médico em campo de batalhas. Afinal, coube a ele cuidar dos países da Ásia. Logo em seguida, assumiu o resgate da Rússia. E, mais recentemente, foi Fischer quem aparou todas as arestas das negociações entre o Fundo e o Brasil.

Essa última tarefa, segundo ele

mesmo, foi a menos desgastante de todas as que já cumpriu em quatro anos no FMI. Fischer já conhecia bem de perto a situação brasileira. Isso, segundo ele, facilitou muito o trabalho.

Quando Pedro Malan assumiu o ministério da Fazenda, passou a haver um intenso intercâmbio de informações e idéias entre o Brasil e o Fundo, através do que ambos os lados definem como “contatos informais”. Várias medidas planejadas pelo Governo foram informalmente sondadas com o FMI, durante o Real.

Isso se deve, em especial, à informalidade no trato entre Fischer e Malan, que se intensificou na época em que o ministro era diretor do Brasil no Banco Mundial (Bird) e Fischer — ex-professor de economia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) — assumiu o posto de economista-chefe do Bird. ■

● UM HISTÓRICO DAS
NEGOCIAÇÕES, na página 28